

**Franz Brentano e a descrição dos
atos psíquicos intencionais:
uma exposição esquemática do
manuscrito *Psychognosie* de 1890**

**Franz Brentano e a descrição dos atos psíquicos
intencionais: uma exposição esquemática do
manuscrito *Psychognosie* de 1890**

Evandro O. Brito¹

Resumo

Psicognose (*Psychognosie*) foi o título original do manuscrito das leituras apresentadas por Franz Brentano na Universidade de Viena, em 1890. Tal manuscrito faz parte da obra intitulada *Psicologia descritiva* (*Deskriptive Psychologie*). O propósito desse manuscrito estava dividido em duas partes: (1) formular as categorias psicológicas; (2) estabelecer a demarcação entre a Psicologia genética e a *Psicognose*. Há algo, porém, que nos interessa especificamente, além da demarcação desses dois ramos da psicologia. Trata-se da nova descrição dos atos psíquicos intencionais, explicitada por Brentano a partir da análise da consciência desenvolvida nesse manuscrito. Em outras palavras, esta investigação apresentará o modo como Brentano descreveu a unidade da consciência como o todo que constitui o objeto da *Psicognose*. Além disso, o ponto fundamental da nossa investigação mostrará que, assumindo a interpretação inaugurada por Roderick Chisholm (1969), a nova descrição dos atos psíquicos introduziu uma mudança na teoria brentaniana da intencionalidade caracterizada como abandono da tese ontológica que sustentava a in-existência dos objetos intencionais.

Palavras-chave: Franz Brentano. Roderick Chisholm. Intencionalidade. Objeto intencional. Ato intencional. Psicologia Descritiva.

¹ Professor do Centro Universitário Municipal de São José (USJ) e doutor em filosofia pela PUC-SP. Email: evandrobritobr@yahoo.com.br

Abstract

Psychognosy (Psychognosie) was the original title of the manuscript of the lectures presented by Franz Brentano in Vienna University in 1890. This manuscript is part of the work entitled *Descriptive Psychology (Deskriptive Psychologie)*. The purpose of this manuscript was divided into two parts: (1) the formulation of psychological categories; (2) to establish the demarcation between psychology and genetic *Psychognosy*. Something, however, interested us specifically in addition to the demarcation of these two branches of psychology. Our point is the new description of intentional psychical acts, explicit by Brentano from the analysis of consciousness developed in this manuscript. In other words, our research will present the Brentano's way to describe the unity of consciousness as the whole that is the subject of *Psychognosy*. Moreover, the fundamental point of our investigation show that, assuming the interpretation inaugurated by Roderick Chisholm (1969), the new description of psychical acts introduced a change in the theory of brentaniana's intentionality, characterized as abandonment of ontological thesis that supported the intentional in-existence of objects.

Keywords: Franz Brentano. Roderick Chisholm. Intentionality. Intentional object. Intentional act. Descriptive Psychology.

1 Introdução

No manuscrito intitulado *Psychognosie*, de 1890, Brentano definiu a psicologia como “[...] a ciência da vida interna das pessoas [Seelenleben], ou seja, a parte da vida que é capturada pela percepção interna (innere Wahrnehmung)”². Essa definição estabeleceu que a psicologia em geral tivesse como propósito a realização de duas funções distintas: “[...] buscar exaustivamente (se possível) (a) os elementos da consciência humana, bem como o modo pelo qual eles são conectados; e (b) descrever as condições causais às quais os fenômenos particulares estão sujeitos”³.

² „Die Psychologie ist die Wissenschaft vom Seelenleben des Menschen, d. i. von jenem Teil des Lebens, welcher in innerer Wahrnehmung erfaßt wurde“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 1.

³ „Sie sucht die Elemente des menschlichen Bewusstseins und ihre Verbindungsweisen (nach Möglichkeit) erschöpfend zu bestimmen und die Bedingungen anzugeben, mit welchen die einzelnen Erscheinungen ursächlich verknüpft sind“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 1.

Distinguidas essas duas funções, Brentano estabeleceu que “[...] a primeira delas é tema da Psicognose e a segunda é o tema da Psicologia genética”⁴. Isso significava, na análise de Brentano, que a superação dos problemas apresentados na obra *Psicologia do ponto de vista empírico* só poderia ocorrer por meio do desenvolvimento da *Psicognose*. Por isso, apenas a *Psicognose* consistia em uma psicologia pura comprometida com a descrição exata dos constituintes elementares da consciência⁵.

Para dar conta dessa tarefa, Brentano utilizou uma estratégia expositiva diferente daquela apresentada na *Psicologia do ponto de vista empírico*. Não se tratava mais de analisar o problema a partir do debate com os fisiologistas, pois essa tarefa agora estava destinada à *Psicologia genética*. Cabia à psicologia pura, ou seja, à *Psicognose*, descrever a unidade da consciência (o todo) e, imediatamente, estabelecer as relações com as partes que a constituíam.

Em seu livro *La ética de Franz Brentano*, Sanches-Migallón Granados apresenta a seguinte estrutura para a descrição das partes da consciência proposta por Brentano na *Psicologia descritiva*.

⁴ „Das Erste ist Sache der Psychognosie, das Zweite fällt der genetischen Psychologie anheim“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 1.

⁵ “A diferença entre estas duas disciplinas é fundamental. Ela se manifesta, especificamente, em duas relações essenciais: (a) *Psycognose*, pode-se dizer, é psicologia pura, desde que não seja inapropriado se referir à psicologia genética como psicologia fisiológica; (b) a primeira é uma ciência exata, enquanto a última presumidamente terá renunciado para sempre qualquer exigência de exatidão. Ambos (os pontos) podem ser estabelecidos com algumas palavras”. [„Der Unterschied beider Disziplinen greift tief und macht sich insbesondere in zwei sehr wesentlichen Beziehungen geltend: a) Die Psychognosie, könnte man sagen, ist reine Psychologie, während die genetische Psychologie nicht unpassend als physiologische Psychologie zu bezeichnen wäre. b) Jene gehört zu den exakten Wissenschaften, während diese in allen ihren Bestimmungen wohl für immer auf den Anspruch der Exaktheit verzichten muß. Beides läßt sich mit wenigen Worten dartun“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 1.

- Partes realmente separáveis:
 - 1 Partes separáveis reciprocamente.
(Ex. o ver e o ouvir).
 - 2 Partes separáveis unilateralmente.
(Ex. o representar e o desejar).
- Partes distintionais:
 - 1 Em sentido próprio:
 - 1.1 Partes “compenetradas”.
 - 1.2 Partes lógicas.
 - 1.3 Partes do par correlativo intencional.
 - 1.4 Partes da dienergia psíquica.
 - 2 Em sentido modificado.
 - (Ex. uma coisa A como parte do A)
 - (Ex. uma coisa A como parte do A pensado)⁶.

Será exposta detalhadamente a estrutura acima, ainda que não se siga exatamente a mesma terminologia de Granado nesta análise, pois nossa análise optará pela terminologia a seguir difundida por Roderick Chisholm por meio do prefácio da obra brentiana *Psicologia Descritiva*.

Unidade da consciência: TODO
Partes realmente separáveis:
Partes mutuamente ou bilateralmente separáveis.
(Ex. o ver e o ouvir).
Partes unilateralmente separáveis.
(Ex. o representar e o desejar).

Unidade da consciência: TODO
Partes meramente distintionais:
Partes estritamente distintionais:

⁶ Granados, Sergio Sánchez-Migallón. La ética de Franz Brentano, p. 71.
90 - UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

Partes mutuamente pertencentes.
Partes lógicas.
Partes dos pares correlativos intencionais.
Partes mutuamente distintivas da relação psíquica primária e secundária
Partes obtidas por meio da distinção modificada.
(Ex. uma coisa A como parte do pensar A).
(Ex. uma coisa A como parte do A pensado⁷)

Por isso, indicado o caminho, cabe agora uma apresentação textual da descrição da estrutura da consciência apresentada por Brentano em 1890, vez que o propósito é (1) explicitar o modo como a *relação entre as partes e o todo da consciência* é descrita na *Psicognose* e (2) como a descrição de algumas de suas partes últimas reformula a teoria da intencionalidade dos atos psíquicos.

2 A descrição das partes realmente separáveis da consciência

O desenvolvimento da argumentação de Brentano no referido manuscrito pode ser apresentado esquematicamente nas seguintes etapas.

Em primeiro lugar, Brentano estabeleceu que o objetivo da *Psicognose* era determinar os *constituintes* da consciência humana e o modo pelo qual eles estavam conectados, pois a *consciência* deveria ser tomada como uma unidade e seus constituintes como *as partes* dessa unidade⁸.

⁷ Granados, Sergio Sánchez-Migallón. La ética de Franz Brentano, p. 71.

⁸ “Nós dissemos que a *Psicognose* investiga os elementos da consciência humana e estabelece seu modo de conexão. Isto implica que a consciência é algo constituído de uma multiplicidade de partes”. [„Wir sagten, die Psychognosie suche die *Elemente* des menschlichen Bewußtseins und ihre Verbindungsweisen zu bestimmen, darin liegt eingeschlossen, daß das Bewußtsein etwas sei, was aus einer Vielheit von Teilen bestehe“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 10.

Em segundo lugar, orientado pela noção de relação parte-todo, Brentano dissolveu a aparente contradição entre unidade e multiplicidade. Ele considerou que a contradição se aplicava apenas à existência de uma relação entre simplicidade e multiplicidade, mas esse não era o caso da consciência, pois a relação parte-todo consistia na relação entre unidade e multiplicidade. Por isso, disse Brentano, “[...] a nossa consciência não se apresenta à nossa percepção interna como alguma coisa simples, mas ela mostra a si mesma composta de muitas partes”⁹.

Em terceiro lugar, Brentano estabeleceu que as partes da consciência seriam definidas como partes unilateralmente separáveis e partes bilateralmente separáveis¹⁰. Isso significava, por um lado, que os atos psíquicos, como visão e audição, eram classificados como mutuamente ou bilateralmente separáveis. Em outras palavras, se ambos pertencessem à mesma unidade real, um poderia continuar existindo quando o outro cessasse¹¹. Por outro

⁹ „Es bietet sich unserer inneren Wahrnehmung nicht als etwas *Einfaches* dar, sondern zeigt sich zusammengesetzt aus vielen Teilen“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 12.

¹⁰ “Pois, ainda que estas partes nunca ocorram lado a lado como partes de um contínuo espacial, algumas delas podem estar de algum modo efetivamente separadas de outras, como as partes de um contínuo espacial. O sentido no qual uma dessas partes pode ser efetivamente separada de outra consiste em que a primeira, tendo existido primeiro como pertencente à mesma unidade real [reale Einheit] que a segunda, continua existindo quando a última deixa de existir”. [„Ja wenn diese Teile auch nie als ein Nebeneinander erscheinen wie Teile eines räumlichen Kontinuums, so gilt doch von vielen unter ihnen, ähnlich wie von Teilen eines solchen Kontinuums, daß der eine von dem andern in gewisser Weise in Wirklichkeit losgelöst werden kann, indem er, der früher mit ihm als zur selben realen Einheit gehörig bestanden, dann noch besteht, wenn der andere aufgehört hat zu existieren“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 12.

¹¹ “(Exemplos de bi-lateral/mutual) separabilidade real: ver e ouvir, partes de ver e partes de ouvir, respectivamente, ver e lembrar ter visto”. [„Beispiele von beiderseitiger] wirklicher Abtrennbarkeit: Sehen und Hören, je Teile des Sehens und Teile des Hörens, sehen und sich erinnern, gesehen zu haben“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 12.

lado, o ato psíquico da visão e a percepção do que se vê eram unilateralmente separáveis. Em outras palavras, se ambos pertencessem à mesma unidade real, ainda que fosse possível continuar vendo quando a percepção do que se vê cessa, o contrário não seria possível¹².

Brentano sintetizou, então, a relação entre a unidade da consciência e os dois tipos de separabilidade das partes do seguinte modo:

Embora a consciência real momentânea de um ser humano pertença a uma simples unidade real, isto não significa, como dissemos, que ela é algo simples em virtude de sua unidade. A percepção interna, entretanto, não indica partes espacialmente dispersas. Contudo, ela (consciência humana) é indubitavelmente composta de muitas partes, algumas delas, como ver-ouvir, são mutuamente separáveis; outras (delas), como ver e perceber o que é visto, são ao menos unilateralmente separáveis¹³.

Estabelecida a relação entre a unidade da consciência e suas partes realmente separáveis, Brentano pretendeu ter apresentado os elementos últimos constituintes da consciência; no entanto, o ponto fundamental da análise brentaniana estava na consequência que ele retirou. Os critérios que definiram os elementos

¹² “(Exemplos de) separabilidade unilateral: ver e perceber, visão de uma cor particular e representação do conceito, conceito e juízo, premissa e conclusão, etc.”. [„(Beispiele) einseitiger Abtrennbarkeit: Sehen und Bemerkend, Vorstellen und Begehren, Sehen einer besonderen Farbe und Vorstellendes Begriffs, Begriff und Urteil, Prämissen und Schluß, usw.“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 12.

¹³ „Obwohl das irgendwann wirkliche Bewußtsein eines Menschen zu einer einzigen Realität gehört, so ist, sagten wir, damit nicht gesagt, daß es ob dieser Einheit etwas Einfaches sei. Von räumlich auseinandertretenden Teilen zeigt allerdings die innere Wahrnehmung nichts. Aber dennoch ist es unzweifelhaft zusammengesetzt aus vielen Teilen, von welchen die einen wie z.B. Sehen-Hören gegenseitig, andere, wie z.B. das Sehen, vom Bemerkend des Gesehenen, wenigstens einseitig ablösbar sind“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 13.

últimos estabeleceram que eles não poderiam mais ser separados, no entanto a aplicação desses mesmos critérios permitiu que outras divisões pudessem ser estabelecidas. Como se apresentarão em detalhes no próximo ponto, essas divisões consistiam nas distinções dos elementos últimos.

3 A descrição das partes distinguíveis da consciência

Para apresentar a distinção como outro modo de divisão dos elementos últimos constituintes das partes da consciência, Brentano deu o quarto passo de sua descrição. Ele afirmou que, “[...] em certo sentido é possível falar em outras partições [Teilungen], ainda que seja o caso dessas partes últimas realmente separáveis. Essas partições seriam encontradas, não por meio de uma separação real, mas por meio de uma distinção”¹⁴. Tratava-se, como explicita a citação a seguir, *das partes distincionais*. Brentano classificou-as desse modo, sob a inspiração da teoria química¹⁵, para evidenciar o contraste como *as partes separáveis*:

¹⁴ „Aber, sagten wir, auch bei den letzten wirklich ablösbaren Teilen, könne in einem gewissen Sinn noch von weiteren Teilungen gesprochen werden, welche nicht durch wirkliches Ablösen, sondern durch Unterscheidung gefunden würden“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 13.

¹⁵ “Em contraste com as partes realmente separáveis, eu a denominei partes distincionais. E, eu expliquei o termo usando as partes que, de acordo como os atomistas, são dotadas dos menores corpúsculos separáveis”. [„Ich nannte sie, im Unterschied von den wirklich ablösbaren, distinktionelle Teile. Und erläuterte den Begriff an den Teilen, welche nach dem Atomisten die kleinsten abtrennbaren Körperchen besitzen“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 13. E ainda, “Aquele que acredita em átomos acredita em corpúsculos que não podem ser dissolvido em corpos menores. Mas, ainda assim, ele pode falar em meios, quartos, etc., de átomos: partes que são distinguíveis ainda que não possam ser separáveis. Para diferenciar estas das outras, nós podemos nos referir a elas como partes distincionais. E, como a distinção vai além da separabilidade real, se pode falar em partes ou elementos de elementos”. [„Wer an Atome glaubt, der glaubt an Körperchen, die nicht in kleinere Körper auflösbar sind. Aber auch bei ihnen mag er von Hälften, Vierteln etc. sprechen: Teilen, die nicht wirklich ablösbar,

Tais partes meramente distintionais são dadas agora também na consciência humana. Assim, temos aqui novamente, em certo sentido, partes de elementos. E, como no caso das partes, pode-se em última instância falar em elementos de elementos (nomeando estes últimos como partes meramente distintionais das últimas partes separáveis)¹⁶.

Em quinto lugar, estabelecido o critério de distinção de partes a partir dos elementos últimos das partes separadas, Brentano classificou, primeiramente, as partes distinguíveis em dois outros grupos: i) partes estritamente distintionais; e ii) partes que podem ser obtidas por meio de uma distinção modificada.

Em seguida, ele dividiu novamente *as partes estritamente distintionais* em quatro classes: i') a classe das partes mutuamente pertencentes (*sich durchwohnende*); i'') a classe das partes lógicas; i''') a classe das partes dos pares de correlatos intencionais; i'''')) e a classe das partes meramente distintionais da relação psíquica primária e secundária [*Diploseenergie*]¹⁷. Estabelecidas

aber doch unterscheidbar sind. Wir mögen sie im Unterschied von andern distinktionelle Teile nennen. Auch in dem menschlichen Bewußtsein gibt es nun außer ablösbaren auch bloß distinktionelle Teile. Und indem das Unterscheiden weitergeht, als die wirkliche Ablösbarkeit, könnte man von Teilen, resp. von Elementen der Elemente sprechen“]. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 13.

¹⁶ „Solche bloß distinktionelle Teile gebe es nun auch im menschlichen Bewußtsein, also auch hier in gewissem Sinne Teile der Elemente. Und wenn einmal wie von Teilen, so möge man ohne Widerspruch in letzter Instanz auch von Elementen der Elemente sprechen (nämlich von letzten bloß distinktionellen Teilen der letzten ablösbaren Teile)“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 14.

¹⁷ “Os quatro gêneros de partes distintionais no sentido estrito, que nós dissemos serem encontrados no domínio da consciência, são, portanto: (1) mutuamente pertencentes; (2) lógica; (3) partes de pares de correlatos intencionais; (4) partes meramente distintionais da *Diploseenergie* psíquica (relação psíquica primária e secundária), ficando aberta a questão se essa relação dual não pode ainda ser divisível em duas (outras) classes”. [„Das also waren die vier Gattungen von distinktionellen Teilen im eigentlichen Sinne, die, wie wir sagten, das Gebiet des ‘Bewußtseins aufweist: (1) sich

as definições, vejamos separadamente suas aplicações a partir dos exemplos brentanianos.

i') Para exemplificar *as partes mutuamente pertencentes* (sich durchwohnende), Brentano tomou o juízo 'há uma verdade' com dois propósitos. Um deles consistia em explicitar quais eram as *partes distintivas mutuamente pertencentes* constituintes desse juízo. O outro consistia em apresentar o modo como a análise da relação entre as partes e o todo da consciência descrevia os *atos psíquicos* a partir de seus constituintes distinguíveis. Assim, disse ele:

O que se segue são partes mutuamente pertencentes no ato do juízo 'há uma verdade': a) qualidade afirmativa; b) a direção ao objeto 'verdadeiro'; c) auto-evidência; d) a modalidade apodítica, que há uma verdade é reconhecida como sendo necessariamente verdade¹⁸.

Brentano considerou que esse exemplo estabelecia, de imediato, o fato de que "[...] nós temos em um (simples) ato quatro partes mutuamente pertencentes"¹⁹. E, além disso, existia ainda a virtude de que o procedimento de análise não se esgotava nessa distinção, pois, continuou ele, "[...] talvez nós possamos ser capazes de descobrir, no mesmo ato, um número ainda maior de partes distintivas mutuamente pertencentes"²⁰.

durchwohnende, (2) logische, (3) die Teile des intentionalen Korrelatenpaares, (4) bloß distinktionelle Teile der psychischen Diplosenergie, (primäre und sekundäre psychische Beziehung), wobei dahingestellt (sei), ob sie nicht wieder von zweifacher Klasse (ist)". Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 25.

¹⁸ „Die folgenden sind sich durchwohnende Teile im Urteilsakt ‚Es gibt eine Wahrheit‘: a) bejahende Qualität, b) das Gerichtetsein auf das Objekt ‚Wahrheit‘, c) Evidenz, d) die apodiktische Modalität,- daß eine Wahrheit ist, wird als notwendig wahr erkannt“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 20.

¹⁹ „Da hätten wir also in einem Akte 4 einander durchwohnende Besonderheiten“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 20.

²⁰ „Vielleicht würden wir in demselben Akte noch eine größere Zahl sich

i”) Ao exemplificar *as partes lógicas*, Brentano argumentou do seguinte modo: “Aceitando (anerkennen), por exemplo, um pardal, eu aceito um pássaro, porque pássaro é uma parte lógica de pardal, e eu aceito um bico, porque bico é uma parte física de pássaro”²¹. Para-se, aqui, numa questão polêmica apontada pelos comentadores acerca dos elementos que envolvem essa ilustração.

Tal como argumentou Chisholm, em sua análise acerca desse ponto, o que estava em jogo nesse exemplo pode ser esclarecido a partir da comparação com o modo brentaniano de descrever *as partes lógicas* no manuscrito *Würzburger Metaphysikkolleg*²². Assim, Chisholm comparou o exemplo acima com a seguinte descrição brentaniana *das partes lógicas* encontrada no referido manuscrito:

O todo lógico é uma individuação de um gênero. Uma parte lógica é cada parte de sua definição, isto é, gênero, diferença, diferenças adicionais (diferença de diferença) e assim por diante até a menor generalidade. É típico das partes lógicas, que a separabilidade distincional seja apenas unilateral²³.

durchwohnender distinktioneller Teile zu entdecken vermögen“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 20.

²¹ “Erkenne ich z.B. einen Spatzen an, so auch einen Vogel, weil Vogel *logischer* Teil des Spatzen ist, und einen Schnabel, weil er *physischer* Teil des Spatzen ist“. Brentano, Franz. *Wahrheit und Evidenz*, 1974, p. 99, in: Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

²² O *Würzburger Metaphysikkolleg* não publicado está no *Brentano-Nachlass* at Brown University, Providence, RI, USA, under the reg. no. M 96 I and II. Cf. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

²³ „Das logische Ganze ist ein Individuum einer Gattung. Ein logischer Teil ist jeder Teil seiner Definition, also Gattung, Differenz, weitere Differenz (Differenz der Differenz) u.s.f. bis zur niedrigsten Allgemeinheit. Es ist bezeichnend für logische Teile, ‘daß die distinktionelle Abtrennbarkeit nur eine einseitige ist““. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

Ora, ao aceitar a comparação proposta por Chisholm, deve-se considerar como *partes estritamente distintas*, a partir da individuação do todo lógico, as partes lógicas de sua definição. A aplicação desse critério permitiu a seguinte distinção nas atividades psíquicas, como exemplificou novamente Brentano: “[...] assim, pensar (Denken) é uma parte lógica de experienciar (Empfinden); experienciar é uma parte lógica de ver (Sehen); ver é uma parte lógica de ver - vermelho (Rotsehen)”²⁴. Estabelecidas as distinções, chega-se a outro problema apontado por Chisholm com o propósito de explicitar o ponto de demarcação entre *as partes distintas lógicas e as partes mutuamente pertencentes*.

Segundo Chisholm, o problema poderia ser colocado por meio da seguinte questão: *O conceito de partes mutuamente pertencentes [durchwohnend] pode ser reduzido ao conceito de partes lógicas?* Em outras palavras, o problema estava no fato de que, quando se fala de espacialidade [*Räumlichkeit*] ou de qualidade da sensação, não estamos se fala de subespécies de sensações ou de gêneros sob os quais elas se encontram. Existia, portanto, um equívoco no modo como a sensação foi utilizada para ilustrar o conceito de *partes lógicas*. Para dissolver o problema, seria preciso considerar que ‘*partes lógicas*’ pareceriam apropriadas para espécies e gêneros, e não para coisas individuais. ‘*Partes mutuamente pertencentes*’ pareceriam apropriadas para coisas individuais e não para espécies e gêneros. Se, tal como sustenta Chisholm, essa distinção fosse aceita, então se poderia considerar que, por um lado, “‘ver - vermelho’ teria ‘ver’ como uma parte lógica; ‘ver’ teria ‘experienciar’ como uma parte lógica; e ‘experienciar’ seria ‘pensar’ como uma parte lógica”²⁵. Além

²⁴ „Denken ist also ein logischer Teil von Empfinden; Empfinden ist ein logischer Teil von Sehen; Sehen ist ein logischer Teil von Rotsehen“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

²⁵ „Rotsehen z.B. hat Sehen als logischen Teil; Sehen hat Empfinden als logischen Teil; und Empfinden hat Denken als logischen Teil“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

disso, mas de modo análogo, “‘julgar’ seria uma parte lógica de ‘aceitar’”²⁶. E aqui se destaca o ponto fundamental, pois também no ato de ‘julgar’ “[...] a qualidade afirmativa poderia ser uma parte mutuamente pertencente de aceitar”²⁷.

Para completar a apresentação dos conceitos que compunham o esquema encontrado pela descrição da relação entre as partes e o todo da consciência, e constituíam a base para a descrição das atividades psíquicas da *Psicologia descritiva*, Brentano precisou ainda descrever a *relação intencional* como o terceiro tipo de partes distintionais, ou seja, as *partes dos pares de correlatos intencionais*. Esse foi o sexto e penúltimo ponto. Veja-se como ele o anunciou:

Estas duas classes de partes distintionais no estrito senso são velhas conhecidas. Mas, existem outras duas no domínio da consciência. Uma delas é a relação psíquica que é essencial para toda consciência, a outra é a conexão inseparável da relação psíquica primária e da (relação) concomitante²⁸.

i””) Para exemplificar as *partes dos pares de correlatos intencionais*, Brentano tomou sua própria teoria da intencionalidade da consciência e a submeteu a uma análise da relação entre as partes e o todo da consciência. Como evidencia a citação acima, embora essa análise preservasse a antiga distinção entre a relação para com o objeto primário e a relação para com o objeto

²⁶ „Analog ist Urteilen *logischer* Teil von Anerkennen“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

²⁷ „Die affirmative Qualität wäre jedoch *durchwohnender* Teil von Anerkennen Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 168, nota 8.

²⁸ „Diese zwei Klassen distinktioneller Teile im eigentlichen Sinn waren alte Bekannte. Es kommen aber auf dem Gebiet des Bewußtseins noch zwei andere hinzu. Die eine ist die psychische Beziehung, welche für jedes Bewußtsein wesentlich ist, die andere die untrennbare Verbindung der primären und concomitierenden psychischen Beziehung“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 20-21.

secundário, tal como foi apresentada em 1874 na obra *Psicologia do ponto de vista empírico*, um dos resultados desse procedimento foi o abandono da noção de *in-existência* intencional do objeto imanente²⁹. Assim, ao serem descritas como *partes distintivas no sentido estrito, as partes de pares de correlatos* que a atividade intencional da consciência apresentou foram definidas apenas como *relações psíquicas intencionais*. Por isso, essas relações distinguíram-se em *relações primárias e relações secundárias*. Estabelecida essa distinção, Brentano redefiniu os termos fundamentais de sua teoria da intencionalidade de 1874 a partir dos critérios explicitados pela descrição da relação entre as partes e o todo da consciência. Veja-se como isso foi exposto textualmente.

A citação a seguir apresenta a definição de *relação intencional* que Brentano apresentou como *parte distintiva* da consciência, a partir da qual se deveriam distinguir ainda os pares de correlatos:

Portanto, a peculiaridade que, acima de tudo, caracteriza a consciência de modo geral é aquela que se mostra sempre e em toda parte, ou seja, em todas as suas partes, um certo tipo de relação, relacionando um sujeito a um objeto. Referimo-nos também a esta relação com ‘relação intencional’. À toda consciência pertence essencialmente uma relação³⁰.

²⁹ Chisholm foi o primeiro a indicar essa mudança. Sua interpretação defende que o abandono da noção de objeto intencional (tese ontológica de Brentano) está na base da introdução da noção de *fenômeno psíquico de preferência*. Cf. Roderick M. Chisholm. *Brentano on descriptive psychology and the intentional*, in: *Phenomenology and existentialism*, p. 1-24.

³⁰ „Vor allem also ist es eine Eigenheit, welche für das Bewußtsein allgemein charakteristisch ist, daß es immer und überall, d.h. in jedem seiner ablös-baren Teile eine gewisse Art von Relation zeigt, welche ein Subjekt zu einem Objekt in Beziehung setzt. Man nennt sie auch “intentionale Beziehung”. Zu jedem Bewußtsein gehört wesentlich eine Beziehung“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

Ao aceitar essa *relação intencional*, e Brentano considerou que sua apreensão estava evidenciada pela percepção interna, o que estava em jogo era a distinção das partes que a constituíam. Assim, a análise brentaniana *dos pares de correlatos intencionais* estabeleceu, primeiramente, que *dois correlatos seriam encontrados em toda relação*. Além disso, a análise especificou o seguinte: “[...] um dos correlatos é o ato da consciência e o outro é aquilo ao qual este ato está dirigido”.³¹ Estabelecida a distinção e o critério, vejamos as especificidades a partir dos exemplos.

Os exemplos apresentados por Brentano no trabalho de 1890, para ilustrar a relação entre esses correlatos, foram os mesmos exemplos utilizados na *Psicologia do ponto de vista empírico*. Em ambas as obras, Brentano definiu ato e correlato como se segue: “‘Ver e aquilo que é visto’, ‘Representar e aquilo que é representado’, ‘Querer e aquilo que é querido’, ‘Amar e aquilo que é amado’, ‘Negar e aquilo que é negado’, etc.”³². Ora, se o modo de enunciar era o mesmo, então se impõe a seguinte questão: – Como Brentano fundamentou essa nova noção entre correlatos das partes da consciência, uma vez que ela manifestamente abdicou do estatuto ontológico pressuposto pelo modo intencional de *in-existência* do objeto imanente? A resposta direta para esta pergunta é: O fundamento estava na retomada da tese aristotélica acerca dos múltiplos sentidos do ser. Em outras palavras, o fundamento estava na recepção brentaniana da distinção aristotélica entre os modos de ser real (Ser como real) e ser não-real (Ser como não-real). Por meio dessa tese, enunciada na citação a seguir, Brentano distinguiu o modo de Ser do ato psíquico como real e o modo de ser do correlato desse ato psíquico como não real:

³¹ „Das eine Korrelat ist der Bewußtseinsakt, das andere das, worauf er gerichtet ist“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

³² „(Das eine Korrelat ist der Bewußtseinsakt, das andere das, worauf er gerichtet ist.) Sehen und Gesehenes, Vorstellen und Vorgestelltes, Wollen und Gewolltes, Lieben und Geliebtes, Leugnen und Geleugnetes, usw.“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

Como já foi esclarecido por Aristóteles, estes correlatos explicitam a peculiaridade de que apenas um é real, (enquanto) o outro é não real [nichts Reales ist]. (...) Os dois correlatos são separados apenas distintivamente um do outro. E, então, nós temos aqui novamente duas partes puramente distintas de pares de correlatos, uma das quais é real e a outra não.³³

É possível deter-se um pouco mais nas implicações do que acaba de ser estabelecido para retomar a questão por outro ângulo: - Se, de fato, o estatuto ontológico da *in-existência* intencional do objeto foi abandonado, como deveria ser concebido, então, o objeto imanente? Responde-se a essa questão a partir da análise de Benito Müller apresentada em sua edição *da Descriptive psychology*³⁴.

Segundo a análise de Müller, a citação acima consistia numa síntese da doutrina fundamental de Brentano – a intencionalidade – que poderia ser exposta do seguinte modo. Todo ‘fenômeno psíquico’ – concebido como *partes realmente separáveis da consciência* – explicitava, como característica específica, certa estrutura relacional chamada de relação ‘intencional’ ou relação ‘psíquica primária’. Como toda estrutura relacional, esclarece Müller, um fenômeno psíquico era então meio para expor dois correlatos: um ato de consciência, que chamaríamos de ‘A’ (ao qual Brentano se referiu como o ‘sujeito’ da relação intencional), e aquilo ao qual ‘A’ estaria se dirigindo, que chamaríamos de ‘O’ (o ‘objeto’ da relação). Estabelecidas essas distinções, a análise de Müller avança orientada pela seguinte questão: - O que é o segundo correlato?

³³ „Bei diesen Korrelaten zeigt sich, wie schon ARISTOTELES hervorhob, die Eigentümlichkeit, daß das eine allein real, das andere dagegen nichts Reales ist. (...) Trennbar sind die Korrelate nicht von einander, außer [wenn sie] distinktionell [sind]. Und so haben wir denn auch hier zwei rein distinktionelle Teile des Korrelatenpaares, von welchen der eine real ist, der andere nicht“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

³⁴ Brentano, Franz. *Descriptive Psychology*, p. 180, nota 8a.

De acordo com essa análise, prossegue Müller, o segundo correlato do ato de ver, ou seja ‘Av’, dado na experiência visual ‘V’ foi descrito como ‘o que é visto’ [*das Gesehene*], ou seja ‘Ov’. A princípio, deveria parecer que ‘Ov’ seria tomado como sendo o objeto real (como a cadeira em frente à pessoa que está vendo), mas, obviamente, isso não era o que Brentano tinha em mente, pois ele afirmou como característica específica do *par de correlatos intencionais* (e, portanto, implicitamente dos fenômenos psíquicos) que apenas o primeiro correlato seria real. Assim, apenas o ato da consciência seria real e nunca o objeto correlato. Isso obviamente excluiu a realidade da cadeira em frente à pessoa que vê à medida que ela seria o segundo correlato, ou seja, o ‘objeto imanente’ desse ato de ver. A interpretação de Müller considera, então, o fato de que Brentano usou ‘referência a um conteúdo’ como paráfrase de ‘direção a um objeto’. Nesses termos, o segundo correlato ‘Ov’ seria designado ser o conteúdo de ‘Av’.

Exposta a estrutura de sua interpretação, Müller toma o polêmico exemplo brentaniano descrito abaixo, com o propósito de elucidar o modo não real de existência do objeto imanente:

Uma pessoa que está sendo pensada [ein gedachter Mensch] é tão pouco real como uma pessoa que deixou de existir [gewesener Mensch]. A pessoa que está sendo pensada, portanto, não tem causa própria e não pode propriamente ter um efeito. Mas, quando o ato da consciência (o pensar a pessoa) é efetivo, a pessoa que está sendo pensada (o correlato não-real da pessoa) coexiste [ist mit da].³⁵

³⁵ Para evidenciar a coerência da interpretação de Benito Müller, acompanhamos sua interpretação da tradução da seguinte passagem citada. „So wenig ein gewesener Mensch, so wenig ist ein gedachter etwas Reales. Der gedachte Mensch hat darum auch keine eigentliche Ursache und kann nicht eigentlich eine Wirkung üben, sondern indem der Bewußtseinsakt, das Denken des Menschen gewirkt wird, ist der gedachte Mensch, sein nichtreales Korrelat, mit da“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 21.

A análise de Müller dissolve as possíveis ambiguidades presentes nesta citação, considerando os seguintes pontos. Quando Brentano usou a frase um tanto quanto opaca ‘a pessoa pensada’ [*der gedachte Mensch*] para falar sobre o segundo correlato de um ato ‘Ap’ de pensar, ele não estava falando sobre um tipo peculiar de pessoa, mas sobre o conteúdo do ‘Ap’. Nesse contexto, o uso do termo ‘pensar’ e ‘pessoa’ tinha apenas a função de indicar que o conteúdo em questão ‘Op’ seria um conteúdo de um *pensamento* sobre a *pessoa*. De modo similar, Müller interpreta o uso brentaniano de ‘*pensamento da pessoa*’ [*das Denken des Menschen*], em referência à ‘Ap’, indicando que esse ato de consciência não seria meramente um ato de *pensar*, mas igualmente um ato de pensar acerca de uma pessoa³⁶.

Deixem-se de lado as complicações que essa interpretação gerou para a primeira teoria brentaniana da intencionalidade e veja-se como ela propôs a sistematização da unidade da consciência em 1890.

Se essa interpretação está correta, diz Müller, então *todos os fenômenos psíquicos possuíam uma estrutura relacional assimétrica particular*. Essa estrutura seria representada simbolicamente como ‘A’→’O’, com (a) um ato particular de consciência ‘A’ (de pensar, de ver, etc.) e (b) o conteúdo ‘O’ desse ato, como correlato; no entanto, o ponto fundamental dessa interpretação estaria no fato de que ela definiu os fenômenos psíquicos como atos psíquicos, a partir da estrutura relacional assimétrica. Isso significava que deveria ser enfatizado o fato de que Brentano não concebeu esses correlatos como partes dos fenômenos psíquicos separados uns dos outros, mas como modos meramente distintivos, pois seria impossível existir um ato de consciência sem um conteúdo correlato.

³⁶ Para um aprofundamento dessa linha de interpretação, Müller remete ao trabalho de B. Smith (‘The Soul and Its Parts II: Varieties of Inexistence’, in *Brentano Studien IV*, Brentano Forschung: Würzburg, 1993).

Como conclusão da análise de Müller, pode-se sistematizar a noção de intencionalidade de 1890 do seguinte modo: “[...] enquanto partes da consciência realmente separáveis, os fenômenos psíquicos não são meramente atos e nem meramente conteúdos, mas ‘todos’ nos quais conteúdo e ato estão inseparavelmente relacionados por meio da intencionalidade”³⁷. Como conclui Müller, isso é “[...] o que se deve ter em mente quando o próprio Brentano escolhe se referir a estes fenômenos meramente como ‘atos psíquicos’³⁸.

De acordo com a interpretação exposta, explica-se o abandono da noção de *in-existência* intencional do objeto e justificavam-se as seguintes definições estabelecidas por Brentano em 1890:

Explicação do termo objeto: (a) Algo internamente concebido objetivamente [ein innerlich Gegenständliches]; (b) Não necessita corresponder a qualquer coisa fora; (c) Para evitar confusões, pode-se chamar ‘residente-em’ [inwohnendes] ou objeto ‘imaneente’; (d) é algo (i) geral e (ii) exclusivamente característico da consciência³⁹.

Os esclarecimentos apresentados expuseram as especificidades do segundo correlato da relação intencional, ou seja, o objeto imaneente. Ocorre, no entanto, que ainda não se analisou

³⁷ “Psychical phenomena (the actually separable parts of consciousness) are thus neither merely acts nor merely contents, but wholes in which content and act are inseparably related through intentionality”. Brentano, Franz. *Descriptive Psychology*, p. 180, nota 8a.

³⁸ “This must be kept in mind even when Brentano himself chooses to refer to these phenomena merely as ‘psychical acts’”. Brentano, Franz. *Descriptive Psychology*, p. 180.

³⁹ „Erläuterungen des Ausdrucks Objekt: etwas innerlich Gegenständliches ist gemeint. Draußen braucht ihm nichts zu entsprechen. Zur Verhütung von Mißverständnissen mag man es “inwohnendes” “immanentes” Objekt nennen. Es ist dies etwas a) allgemein und b) ausschließlich dem Bewußtsein eigenes“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 22.

suficientemente o primeiro correlato, ou seja, as especificidades constituintes da própria relação intencional. Esse foi o último passo da análise brentaniana e consistiu na distinção das partes que compunham a própria relação psíquica.

i””) Para exemplificar a classe das partes meramente distintivas das relações psíquica primária e secundária [*Diploseenergie*], Brentano relembrou uma afirmação aristotélica.⁴⁰ Tal como sustentava seu mestre de Estagira, enfatizou Brentano, todo fenômeno psíquico continha a consciência de si mesmo⁴¹, por isso, “[...] na representação [im Vorstellen] da cor há, portanto, simultaneamente a representação desta representação”⁴². Esse exemplo tinha a função de apresentar o tipo de relação intencional que a análise brentaniana distinguiu em parte primária e parte secundária. Tratava-se, por um lado, do âmbito intrínseco da relação psíquica intencional cuja inseparabilidade entre dois modos de relação era encontrada. E, por outro lado, tratava-se do tipo de relação que podia ser distinguida em partes primária e secundária. Assim, distinguidas a partir deste último critério, como bem explicitou a citação a seguir, a apresentação das especificidades de cada uma das partes da relação primária e secundária completava a descrição da unidade da consciência a partir de uma teoria da intencionalidade reformulada:

O fato de que não há consciência sem alguma relação intencional é tão certo quanto o fato de que, além do objeto ao qual ela está primeiramente dirigida, a consciência tem, lateralmente, a si mesma como objeto. Este é, de modo essencial, parte da natureza de todo ato psíquico. (...) Toda consciência, qualquer que seja o objeto ao qual

⁴⁰ Brentano refere-se à *Metafísica*, 1021a, 30.

⁴¹ „Schon ARISTOTELES [betont], daß in dem psychischen Phänomene selbst das Bewußtsein von ihm mitbeschlossen sei“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 22.

⁴² „Im Vorstellen der Farbe also zugleich ein Vorstellen dieses Vorstellens“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 22.

ela está primariamente dirigida, está concomitantemente dirigida a si mesmo.⁴³

É preciso deter-se um pouco mais nos detalhes epistemológicos envolvidos nesse modo de distinção das partes constituintes do ato intencional. O que estava em jogo nessa descrição da relação intrínseca entre as atividades primárias e secundárias era a possibilidade de descrever a natureza evidente das atividades psíquicas. Esse ponto será analisado a partir da proposta de interpretação sugerida por Chisholm, acerca das especificidades características da relação primária e secundária, nas notas da sua edição da *Deskriptive Psychologie*.

A interpretação de Chisholm está orientada pela resposta à seguinte questão: “O que Brentano compreende quando diz que todo ato psíquico tem a si mesmo como objeto secundário?”⁴⁴.

Chisholm analisa essa questão por meio de uma retomada do modo como Brentano descreveu o problema dos objetos secundários na primeira edição da *Psicologia do ponto de vista empírico* (Livro II, capítulo 3). Após reconhecer que tal descrição do ato referindo a si mesmo como objeto secundário continha o problema da regressão *ad infinitum*, regressão não resolvida por Brentano em 1874, Chisholm apresenta a nova descrição trazida pelo manuscrito de 1890 como uma solução para esse problema. Essa solução brentaniana estabeleceu, diz ele, que “[...] todo ato psíquico é de tal modo que, quando se explicita, se explicita

⁴³ „So gewiß es ist, daß kein Bewußtsein überhaupt ohne intentionale Beziehung ist, so gewiß ist es, daß es außer dem, worauf es primär gerichtet ist, sich selbst nebenher zum Objekte hat. Es gehört dies wesentlich zur Natur jedes psychischen Aktes“ (...) „Jedes Bewußtsein, primär auf was immer für ein Objekt gerichtet, geht nebenher auf sich selbst“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 22-24.

⁴⁴ „Was meint Brentano, wenn er sagt, daß jeder psychische Akt sich zum sekundären Objekt hat?“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 169, nota 11.

de modo evidente para o sujeito”⁴⁵. Diante dessa solução, cabe questionar: – O que essa nova descrição da atividade secundária constituinte do ato psíquico poderia significar exatamente quando analisada por meio dos critérios encontrados pela descrição da relação entre as partes e o todo da consciência apresentados em 1890?

Chisholm considera que essa descrição, apresentada também em outros trabalhos que compõem a *Deskriptive Psychologie*, pressupunha uma distinção entre o sentido estrito e o sentido lato que caracterizava a percepção interna da consciência e explica: “[...] deve-se ressaltar que ele (Brentano) identifica ‘consciência no sentido estrito’ com perceber (Bemerken). Assim, é apenas no sentido estendido de consciência que todo ato psíquico pode ser dito ser um objeto da consciência”⁴⁶. Isso implica o fato de que, ao lado da percepção interna que nos dava a conhecer de maneira imediata e evidente os três modos distintos de relação intencional, a filosofia do psíquico brentaniana de 1890 estendeu o estatuto da verdade como evidência para um tipo de juízo e, ainda, o estatuto análogo à evidência para um tipo de sentimento de amor e ódio. Então se pergunta novamente: – Por que isso foi possível a partir da *Psicologia descritiva*?

Para responder a essa questão, Chisholm toma os critérios encontrados pela descrição da relação entre as partes e o todo da consciência da *Psicologia descritiva* e analisa um exemplo utilizado por Brentano na obra póstuma *Vom sinnlichen und noetischen Bewusstsein* (*Sobre a consciência sensível e noética*). Segundo Chisholm, a palavra ‘sensação’ tinha dois usos comple-

45 „Jeder psychische Akt ist von der Art, daß er, wenn er auftritt, für das Subjekt evidentermaßen auftritt“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 169, nota 11.

46 „Es sei noch angemerkt, daß er “Bewußtsein im engeren Sinn” mit dem “Bemerkten” (Psychognostische Skizze II = Anhang V) identifiziert. So kann nur im erweiterten Verständnis von Bewußtsein gesagt werden, daß jeder psychische Akt Objekt des Bewußtseins ist. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 170, nota 11.

tamente diferentes: “Ela pode ser usada para fazer referência ao que Brentano chamou de *qualidades sensíveis* e ao que outros chamaram de *dados dos sentidos*. Ou ela pode ser usada para fazer referência ao *sentir, experienciar ou possuir* tais qualidades sensíveis”⁴⁷. Chisholm propõe que, segundo essa distinção brentaniana, a palavra ‘*sensação*’ algumas vezes era usada para fazer referência ao *conteúdo da sensação* e, algumas vezes, ela era usada para fazer referência ao *ato da sensação*.⁴⁸ Desse modo, o exemplo da *experiência de ver o vermelho*, usada recorrentemente por Brentano, deveria ser descrita da seguinte maneira:

Quando se sente uma mancha vermelha (Brentano diria uma ‘qualidade vermelha’), a mancha vermelha é o *conteúdo* da sensação e o *sentir* a mancha vermelha é o *ato* da sensação. Brentano também diz que: (1) a mancha vermelha é o *objeto primário* da sensação; e que (2) o *sentir* a mancha vermelha é o *objeto secundário* da sensação. Pois ambos, insiste ele, o *conteúdo* e o *ato* são objetos do nosso conhecimento.⁴⁹

Aqui está a base da mudança operada por Brentano em 1890. A mudança aí está, pois, no sentido estrito da percepção imediata, a *Psicologia do ponto de vista empírico* havia estabelecido que a consciência percebia imediatamente a si mesma como *objeto secundário*, à medida em que se referia ao *objeto primário*.

⁴⁷ “It may be used to refer to what Brentano had called ‘sense qualities’ and what others have called ‘sense data’ or ‘sense impressions’. Or it may be used to refer to the *sensing, experiencing, or having* of such sense qualities”. Chisholm, Roderick M. *Brentano and intrinsic value*, p. 25.

⁴⁸ Cf. Chisholm, Roderick M. *Brentano and intrinsic value*, p. 25-26.

⁴⁹ “If one senses a red patch (Brentano would say a “red quality”), then the red patch is the *content* of sensation and the sensing of the red patch is the *act* of sensation. Brentano also says that the red patch is the *primary object* of the sensation and that the sensing of the red patch is the *secondary object* of the sensation. For, he insists, both the *content* and the *act* are *objects* of our awareness. The *content* of a sensation, then, is always a sense quality. Chisholm, Roderick M. *Brentano and Intrinsic Value*, p. 25.

Agora, no entanto, a novidade indicada por Chisholm está no fato de que havia uma nova maneira de descrever a relação intencional entre essas mesmas partes da consciência. Em outras palavras, tomada no sentido estendido, a percepção imediata dos atos psíquicos de juízo e de sentimento de amor e ódio teriam o objeto secundário da sensação como seu objeto primário. Vejamos como essa tese se sustenta.

Chisholm analisou os argumentos brentanianos utilizados para descrever os atos psíquicos de prazer sensorial e dor sensorial como atos psíquicos de amor e ódio. Assim, sua análise resultou na seguinte interpretação:

Brentano afirma que prazer sensorial e dor sensorial são **atos de amor e ódio que estão dirigidos para “o aparecimento [Erscheinung] de certas qualidades, mas não para as qualidades em si mesmas”** (Franz Brentano, *Sensory and Noetic Consciousness*, London, Routledge and Kegan Paul, 1981, p. 114). Quando alguém experimenta prazer sensorial, então (1) há um *conteúdo sensível A* que é o *objeto primário* de um certo *sentir*. E, (2) este *sentir* é por sua vez o *objeto primário* do *ato de amor*. Se no momento a pessoa atenta para esta experiência e indaga o que está ocorrendo, será evidente para ela que ela está *sentindo A* e que ela *ama o (ato de) sentir A*.⁵⁰

É preciso esclarecer um pouco mais essa tese de Chisholm. Se se voltar velho exemplo da mancha vermelha, po-

⁵⁰ “Brentano says that sensory pleasure and sensory pain are acts of love and hate that are directed upon “the appearance [Erscheinung] of certain qualities, but not upon the qualities themselves” (Franz Brentano, *Sensory and Noetic Consciousness*, London, Routledge and Kegan Paul, 1981, p. 114). When one experiences sensory pleasure, then (1) there is a sense content A that is the primary object of a certain sensing, and (2) this sensing in turn is the primary object of an act of love. If now the person attends to this experience and asks what is going on, it will be evident to him that he is sensing A and that he loves the sensing of A.” Chisholm, Roderick M. *Brentano and Intrinsic Value*, p. 25-26.

der-se-á analisar o prazer sensorial da seguinte forma: (a) a estrutura psíquica da experiência sensorial (ou seja, de uma representação); e (b) a estrutura psíquica do prazer que pressupõe a experiência sensorial (ou seja, uma representação).

(a) A estrutura psíquica da experiência sensorial (ou seja, de uma representação): A *mancha vermelha* é o conteúdo da experiência sensorial, por isso essa mancha é o *objeto primário* da *sensação*, ou seja, do *ato de sentir* a mancha. Por sua vez, o (*ato de*) *sentir a mancha* é o *objeto secundário* apreendido de modo imediato pela própria consciência. Essa relação entre *objeto primário e objeto secundário* da experiência sensorial constitui o fenômeno psíquico mais elementar: a representação.

(b) A estrutura psíquica do prazer que pressupõe a experiência sensorial (ou seja, uma representação): a experiência de prazer sensorial, por sua vez, consiste num fenômeno psíquico mais complexo, pois se trata de um ato de prazer (ou amor) que pressupõe sempre uma experiência sensorial (representação). No caso específico no nosso velho exemplo, (1) **o conteúdo sensível ‘mancha vermelha’ é o objeto primário do ato de sentir (sensação - visão)**. Ocorre, no entanto, que (2) **esse mesmo ato de sentir (sensação – visão) é, por sua vez, o objeto primário do ato de amor**. Assim, (3) **o ato de amor** passa a ser percebido de modo imediato pela consciência e se **caracteriza como objeto secundário**. Por isso, Chisholm concluiu que, se a pessoa atenta para essa experiência do amor e indaga o que está ocorrendo, será evidente para ela que ela está *sentindo (ou vendo) o vermelho* e que ela *ama o (ato de) sentir (ou ver) o vermelho*.

Ao tomarmos a evidência psíquica no sentido estendido sugerido por Chisholm, podemos afirmar, acerca da nova teoria brentiana, que, além de meramente representada, alguma coisa pode ser evidente (ou análoga a algo evidente) para um sujeito, se o sujeito a julgar (ou, então, a ama ou a odeia) como evidente. Assim, portanto, tal como descreve Chisholm na citação a seguir, a evidência perpassaria a atividade da consciência apesar de não poder ser encontrada em lugar algum, a não ser no juízo:

Neste sentido, então, Brentano pode dizer que ‘toda atividade psíquica cai sob a percepção interna’. A atividade psíquica é necessariamente tal que, se ela ocorre, e se no mesmo tempo se julga que ela ocorre, então se julga com evidência. E, se Brentano acrescenta que ‘isto não significa que tudo é percebido’, ele nos lembra que algo psíquico pode ocorrer sem nosso juízo de que ele ocorre.⁵¹

O que acaba de ser estabelecido exigiu, ainda segundo Chisholm, alguns esclarecimentos: (a) Brentano não queria dizer que todo ato psíquico seria o objeto primário de um juízo evidente ou (b) que todo ato psíquico seria acompanhado de um juízo evidente, como efeito da ocorrência desse ato. Isso implicaria a re-colocação do problema da regressão *ad infinitum*, pois o próprio juízo evidente seria um ato psíquico que pressuporia outro juízo. É preciso, portanto, voltar ao propósito do texto brentaniano para elucidar o sentido em que seria possível dizer, por um lado, que todo ato psíquico seria evidente para o sujeito e, por outro lado, que, em certos casos, a evidência poderia ser encontrada nas atividades do juízo e do sentimento. Não é possível, no entanto, desenvolver essa análise neste trabalho, pois isso está fora do escopo estabelecido pela nossa proposta de análise.

4 Considerações finais

O exposto é suficiente para apresentar os critérios estabelecidos pela esfera ideológica da prometida *Psicologia descritiva*, bem como os quatro gêneros de partes distintivas no sentido

⁵¹ „In diesem Sinne kann Brentano sagen, daß jede “psychische Tätigkeit in unsere innere Wahrnehmung fällt”. Alles Psychische ist notwendig von der Art, daß, wenn es vorkommt, und wenn man zugleich urteilt, daß es vorkommt, man dann mit Evidenz urteilt. Und wenn Brentano hinzufügt, daß “aber nicht alles [Psychische] darum bemerkt” wird, dann erinnert er uns, daß etwas Psychisches vorkommen kann, ohne daß man urteilt, daß es vorkommt“. Brentano, Franz. *Deskriptive Psychologie*, p. 170, nota 11.

estrito, que redefinem a teoria brentaniana do psíquico ao reformular o conceito de intencionalidade da consciência: (1) partes mutuamente pertencentes; (2) partes lógicas; (3) partes de pares de correlatos intencionais; (4) partes meramente distintionais da *Diploseenergie* psíquica (relação psíquica primária e secundária).

Explicitados tais gêneros, Brentano deixa aberta a questão se a relação dual (das partes meramente distintionais da *relação psíquica primária e secundária*) não poderia ainda ser divisível em duas (outras) classes.

Referências

ALBERTAZZI, Liliana. *Immanent realism: an introduction to Brentano*. Dordrecht: Springer, 2006.

BRENTANO, Franz. *Deskriptive Psychologie*. Hamburg: Feliz Meiner, 1982.

_____. *Descriptive Psychology*. Trad. Benito Müller. New York: Routledge, 1995.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt, Erster Band*, Hamburg: Feliz Meiner, 1973.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt, Zweiter Band*, Hamburg: Feliz Meiner, 1971.

_____. *Psychologie vom empirisch Standpunkt, Dritter Band*, Hamburg: Feliz Meiner, 1974.

_____. *Psicología desde un punto de vista empírico*. Trad. Hernán Scholte. Madrid: Universidad Complutense. Disponível em: <<http://fs-morente.filos.ucm.es/publicaciones/recursos/Brentano.pdf>>. Acesso em: 20/06/2012/

_____. *Psicología desde un punto de vista empírico*. Trad. José Gaos. Madrid: Revista de occidente, 1935.

_____. *Psychologie du point de vue empirique*. Trad. Mauricio de Gardillac. Aubier: Paris, 1944.

CHISHOLM, Roderick, M. *Brentano on Descriptive Psychology and the Intentional*. In: *Phenomenology and Existentialism*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1969. P. 1-24.

_____. *Brentano and Intrinsic Value*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

_____. *Intentional Inexistence*. In: MCALISTER, Linda. *The Philosophy of Brentano*. London: Duckworth, 1976. P. 140-150.

CHRUZIMSKI, Arkadiusz e SMITH, Barry. *Brentano's ontology: from conceptualism to reism*, in: *The Cambridge Companion to Brentano*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. P. 197-219.

CRANE, Tim. *Brentano's concept of intentional inexistence*. Disponível em: <http://web.mac.com/cranetim/Tims_website/Online_papers_files/Crane%20on%20Brentano.pdf>. Acesso em: 20/06/2012.

GONZÁLEZ PORTA, Mario Ariel. *Franz Brentano: equivocidad del ser y objeto intencional*. Belo Horizonte: Kriterion Revista de Filosofia, vol.43, n.105, p. 97-118, 2002.

GRANADOS, Sergio Sánchez-Migallón. *La ética de Franz Brentano*. Navarra: EUNSA, 1996.

SIMONS, Peter. *Introduction*. In: BRENTANO, Franz. *Descriptive Psychology*. Trad. Benito Müller. New York: Routledge, 1995.

Notas

1 Granados, Sergio Sánchez-Migallón. *La ética de Franz Brentano*, p. 71.

2 Granados, Sergio Sánchez-Migallón. *La ética de Franz Brentano*, p. 71.